

FACEBOOK CELEBRA A CULTURA HACKER

Empresa promove maratonas de programação para criar novos produtos

Renato Cruz
ENVIADO ESPECIAL
PALO ALTO

A palavra hacker costuma ter um significado negativo, normalmente relacionada a criminosos digitais. Mas, na comunidade de programadores, é usada para designar indivíduos brilhantes, que conseguem modificar sistemas ou equipamentos. E que são capazes de resolver problemas complexos com sua capacidade técnica.

O Facebook tem orgulho de sua cultura hacker, e costuma promover, periodicamente, hackathons, maratonas de programação que viram a noite. A única regra para os programadores é trabalhar num projeto que não está relacionado às suas atividades do dia a dia.

Com isso, a maior rede social do mundo consegue manter a equipe motivada, além de incentivar a criatividade e cultivar a agilidade que normalmente caracteriza companhias iniciantes.

A adoção das funcionalidades desenvolvidas durante as hackathons são decididas rapidamente, em reuniões em que todos podem participar. Cada equipe tem alguns minutos para apresentar o seu projeto. Aqueles que têm uma recepção mais calorosa dos colegas são integrados ao produto.

Os hackathons são um bom exemplo da cultura que diferencia as empresas instaladas no Vale do Silício. Na semana passada, esta série de reportagens mostrou alguns motivos que fazem com que sejam criadas na região da Baía de San Francisco, na Califórnia, companhias que mudam o mundo. Na semana que vem, uma reportagem sobre empresas de energia renovável no Vale do Silício, e uma entrevista com John O'Farrell, sócio da Andreessen Horowitz, fecham a série.

Quebrando tudo. Colados nas paredes do Facebook, estão cartazes que

dizem: "Move fast and break things" (mova-se rápido e quebre coisas). Outra versão do lema é: "Move fast and be bold" (mova-se rápido e seja ousado). De certa forma, é o contrário do que se espera do ambiente organizado de uma grande empresa.

Com sua camiseta em que se lê a palavra "Hack", Pedram Keyani lidera a equipe responsável por manter a integridade (segurança) do site. Na empresa desde 2007, ele é responsável por organizar muitas das hackathons.

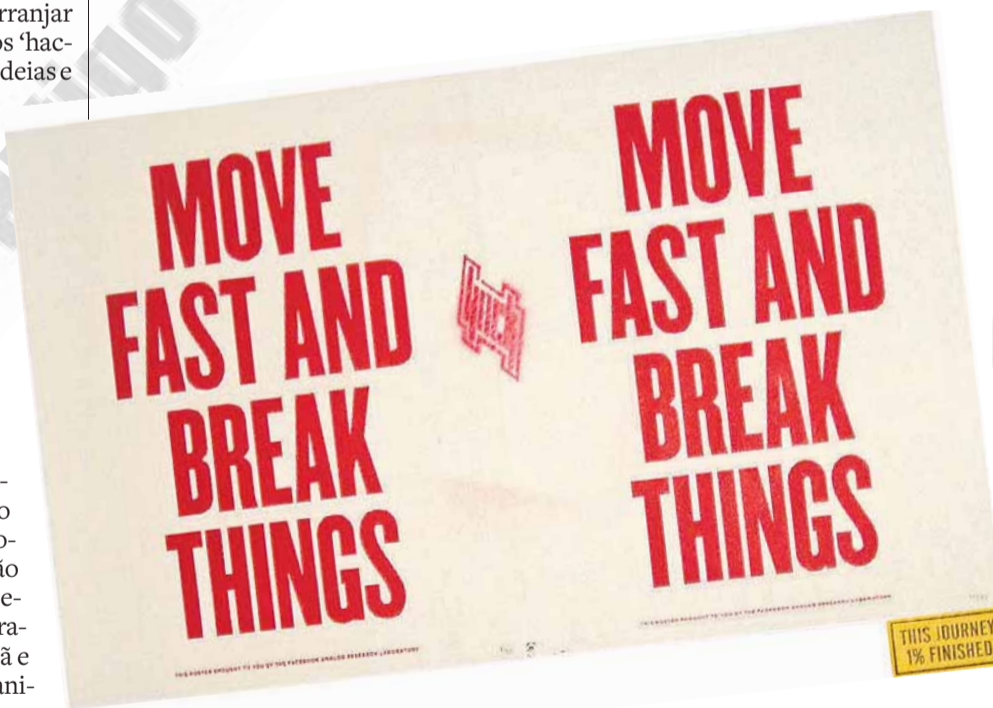
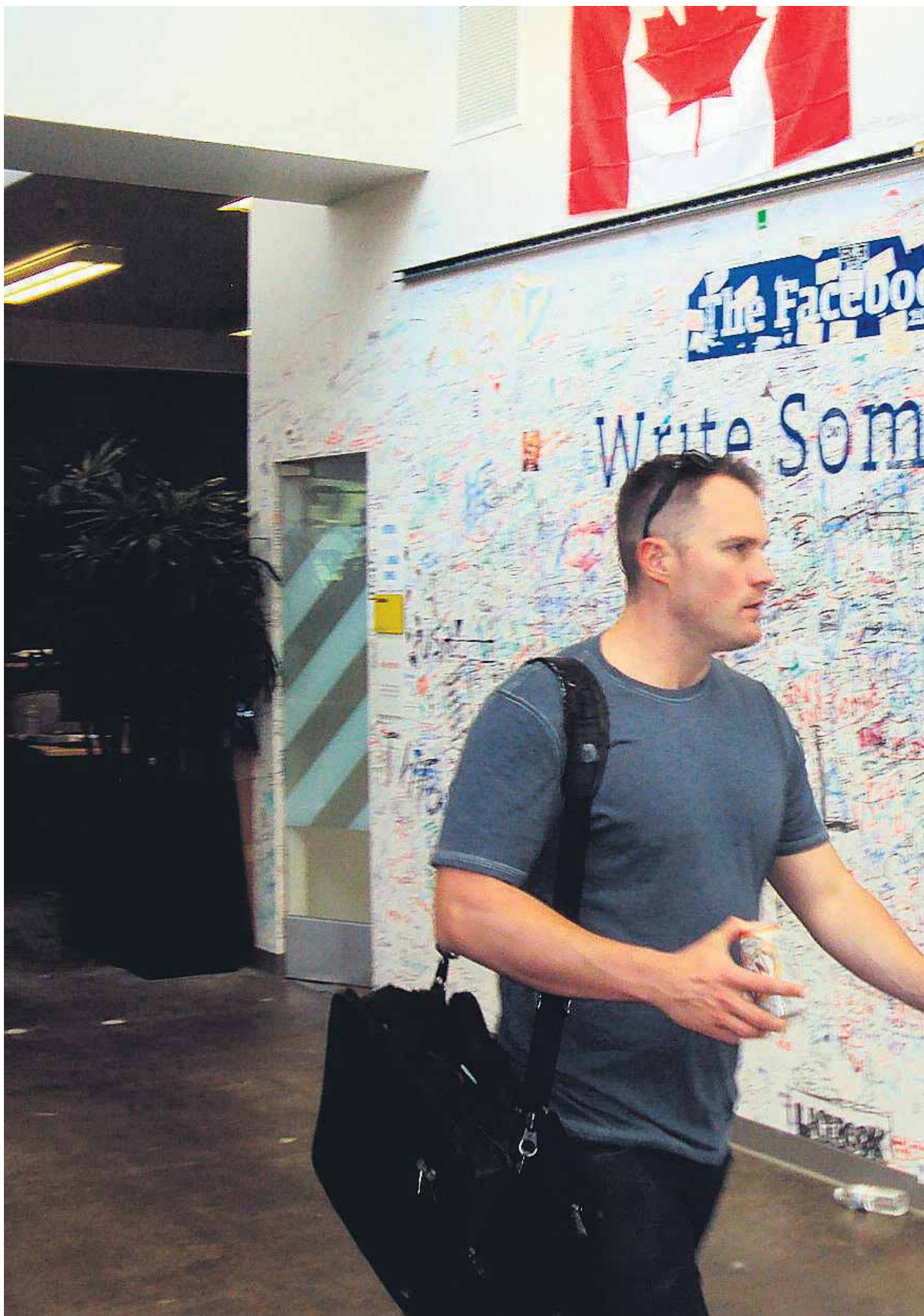
Em uma dessas jornadas de 24 horas de programação, Keyani desenvolveu uma aplicação chamada "Keg Presence" (presença do barril). Ela avisa aos funcionários do Facebook se o barril de chope que existe na sede da empresa, em Palo Alto, está vazio e também informa que tipo de chope está disponível no momento.

"Infelizmente, não foi integrado ao produto", brincou o programador. Entre as funcionalidades desenvolvidas nas hackathons, e que hoje fazem parte da rede social, estão o bate-papo e a integração com câmeras web.

"Os hackathons começaram antes de eu entrar no Facebook, praticamente desde o primeiro dia", disse o programador. "Quando a empresa era uma pequena startup, as pessoas estavam trabalhando e alguém dizia: 'Vamos arranjar cerveja e comida chinesa e vamos 'hackear' coisas, trabalhar em novas ideias e criar coisas novas.'"

Isso acabou se transformando numa tradição do Facebook. A cada período de quatro a oito semanas alguém promove uma hackathon. "Na minha segunda semana de empresa eu participei de uma hackathon e adorei trabalhar em projetos paralelos legais durante toda a noite", afirmou Pedram. Em quatro anos, ele participou de 20 maratonas.

Normalmente, a hackathon começa às 20h e às 6h da manhã do dia seguinte os participantes tomam café da manhã e muitos vão para casa. Alguns, que não conseguem ficar à noite, retomam a maratona de programação pela manhã e continuam até as 20h. Os mais ani-



Desafio. 'O que você faria se não fosse um estagiário?', questiona cartaz

mados chegam a ficar mais de dez horas programando.

Tradição. Quando Mark Zuckerberg criou o Facemash, precursor do Facebook, em Harvard, no ano de 2003, foi numa espécie de hackathon. Ele passou a noite programando até criar o site em que as pessoas podiam votar em fotos de garotas que estudavam na universidade. Os primeiros programadores do Face-

UM 'CALDEIRÃO' DE EMPREENDEDORES

SAN FRANCISCO

O brasileiro Paulo Lerner mudou para San Francisco há seis meses. Ele criou sua empresa, a Kleintech, há dois anos no Rio de Janeiro e lançou, no começo deste ano, um site chamado Frugar, que permite às pessoas criarem listas de produtos. Agora, está para lançar um novo site nos Estados Unidos. "Nosso objetivo é transformar a recomendação de produtos numa coisa divertida", disse Lerner. "O Frugar foi lançado no Brasil e tem hoje 150 mil usuários."

E por que ele se mudou para San Francisco? "É muito difícil fazer inovação fora do Vale do Silício", afirmou Lerner. "Aqui todo mundo está com a mesma cabeça, de startup, de tentar revolucionar. É onde se tem

metodologia, onde as empresas sabem trabalhar rapidamente para chegar às inovações."

A Kleintech tem seis pessoas no Vale do Silício e três no Brasil. "Esse ecossistema fez com que viéssemos para o Vale do Silício. Desde o lado da captação de recursos e da equipe até a infraestrutura", explicou o fundador da Kleintech. O escritório da empresa fica no número 181 da Fremont Street, em San Francisco, num lugar chamado RocketSpace, especializado em alugar espaço para empresas iniciantes.

A RocketSpace tem cerca de 12 mil metros quadrados. As startups alugam o espaço já mobiliado. O preço é de US\$ 650 mensais por mesa, com descontos para quem aluga mais mesas. No prédio há cerca de 80 empresas, todas de tecnologia, com uma ocupação total que varia de 250 a 260 pessoas. A maioria delas

está num programa de incubação ou acabaram de receber investimento.

"Hoje eu tenho seis pessoas e, se amanhã, eu virar para o cara e quiser espaço para 20, terei 20. Depois, se precisar baixar para três, não tem problema. Existe flexibilidade e uma total compreensão das necessidades de uma startup. Enquanto no Brasil teria de assinar um contrato de três anos e dar garantias", afirmou Lerner.

Segundo Duncan Logan, fundador da RocketSpace, o objetivo da sua empresa é aumentar as chances de um empreendedor ter sucesso. "Queremos ser um lugar popular para empreendedores e para investidores", disse Logan. "O espaço físico é só uma plataforma."

Antes de criar a RocketSpace, em fevereiro deste ano, Logan teve empresas de tecnologia e diz que sempre se deparou com uma diferença entre o que o dono

de imóvel quer e a necessidade de empresas iniciantes. "Viemos arbitrar essa diferença", disse ele. "Achamos que podemos cobrar mais por oferecer essa flexibilidade."

Roupas inteligentes. Numa sala de outro endereço de San Francisco, no número 350 da Townsend Street, está localizada a Innovalley, uma empresa de roupas inteligentes fundada por empreendedores espanhóis. Eles também criaram o Imagine Creativity Center, que oferece um programa de um mês para empreendedores que querem fazer uma imersão na cultura de negócios do Vale do Silício. A ideia é receber, duas vezes por ano, 12 pessoas para trabalhar em quatro projetos para "mudar o mundo". O programa inclui visitas a empresas importantes no Vale do Silício e workshop com profissionais da região.

A Innovalley foi criada há dois anos, e já vende bolsas com células solares para carregar as baterias de computadores pessoais e celulares. Tem oito pessoas em San Francisco. Dois cofundadores estão de Barcelona. "É difícil ser um empreendedor na Espanha", disse Rosa Monge, gerente de projetos da Innovalley. "Aqui é preciso trabalhar duro da mesma maneira, mas as pessoas aceitam melhor e ajudam mais."

Depois da faculdade, Rosa trabalhou dois anos na Apple. Segundo ela, o ambiente no Vale do Silício é muito diferente do espanhol. "Na Espanha, fracassar é ruim. As pessoas preferem trabalhar em grandes empresas. Se você começa algo novo, é difícil encontrar ajuda, é difícil encontrar investidores e, se as coisas não derem certo, as pessoas não veem da maneira correta. Aqui, o fracasso é uma maneira de aprender." /R.C.

POR QUE O VALE SE CHAMA DO SILÍCIO

PALO ALTO

A pesar do nome, a região que concentra as empresas de tecnologia ao sul de San Francisco não é caracterizada por jazidas de silício.

O Vale do Silício recebeu esse nome por causa da segunda onda de empresas de tecnologia que se instalaram na área, a partir de 1956, quando William Shockley, um dos pais do transistor, criou a Shockley Semiconductor Laboratory na cidade de Mountain View.

O silício é a principal matéria-prima dos processadores fabricados por empresas como a Fairchild Semiconductor e a Intel, que surgiram na região logo depois do laboratório de William Shockley.

O nome Vale do Silício foi criado por Ralph Vaerst, que foi fundador e investidor em várias empresas na região. A primeira vez em que a expressão apareceu impressa foi numa série de reportagens publicadas em 1971 pelo semanário especializado *Electronic News*. Sob o título de "Vale do Silício, EUA", a série foi assinada por Don Hoefler.

Depois das empresas de semicondutores, o Vale foi palco de outras ondas tecnológicas, com empresas de computadores, equipamentos de telecomunicações, software e internet. A onda atual é a das mídias sociais, com empresas como Facebook, LinkedIn e Twitter.

O nome Silicon Valley acabou virando sinônimo de centro de tecnologia. A área que reúne empresas de internet em Nova York é chamada, por exemplo, de Silicon Alley ("Beco do Silício"). A região de Cambridge, na Inglaterra, que concentra empresas de alta tecnologia que saíram da universidade que leva o nome da cidade, tem o apelido de Silicon Fen ("Pântano do Silício").

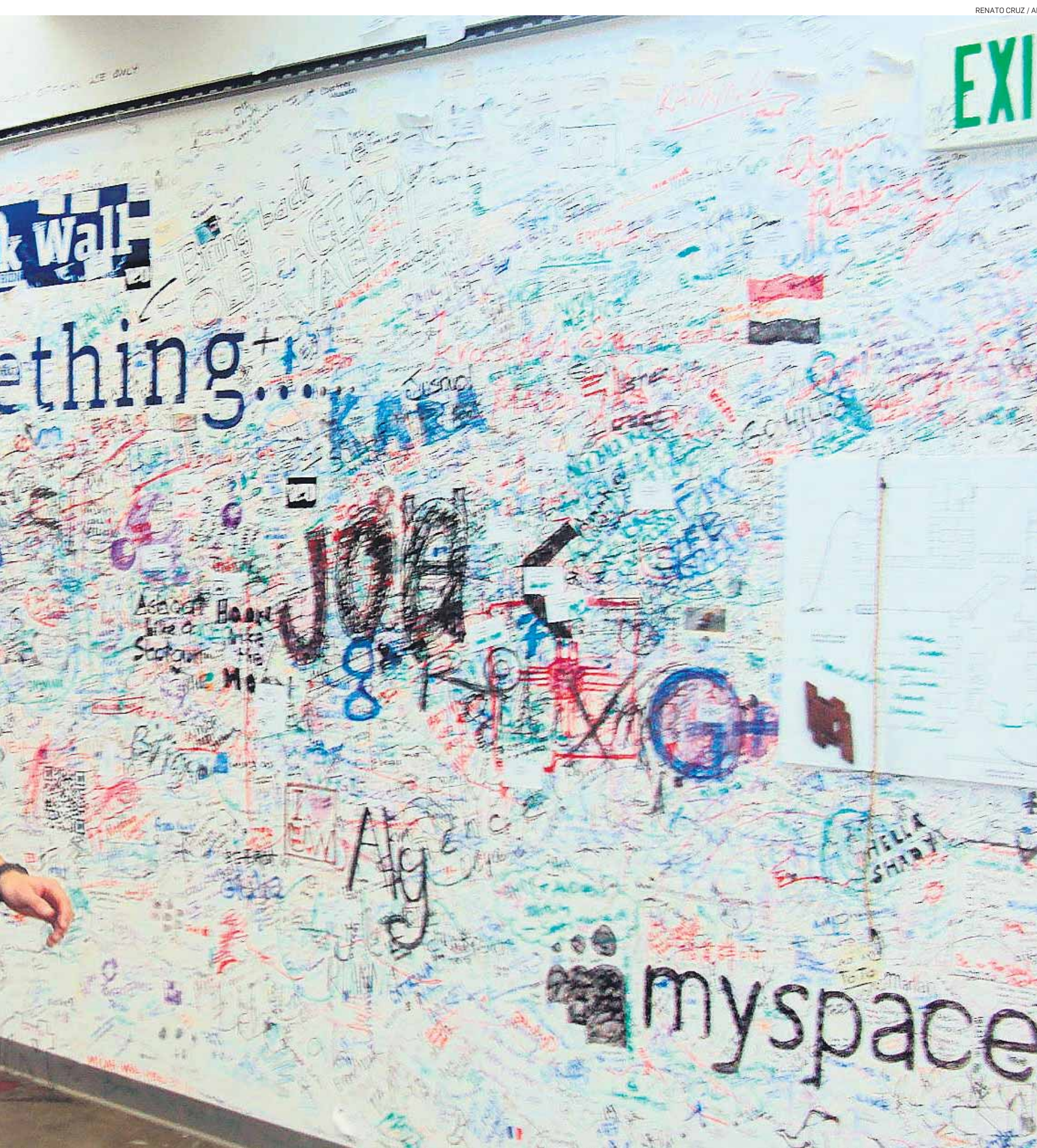
A cidade indiana de Bangalore, com suas empresas de software, também é chamada de Vale do Silício da Índia. No Brasil, a cidade mineira de Santa Rita do Sapucaí, com as empresas de tecnologia surgidas ao redor do Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel), recebeu o apelido de Vale da Eletrônica.

Facebook Wall. Não é só na internet que é possível escrever recados no mural

Tamanho. O Vale do Silício ocupa uma área de cerca de 3 mil quilômetros quadrados, com uma população estimada em 3 milhões de pessoas, segundo a publicação *Index of Silicon Valley 2011*. Trinta e cinco por cento da população é formada por estrangeiros.

Cerca de 16% dos postos de trabalho da região são nas áreas de alta tecnologia, ciência e engenharia, comparados à média de 6% de todos os Estados Unidos.

Em 2010, os investimentos de capital de risco subiram 5% no Vale do Silício, chegando a US\$ 5,9 bilhões. A região atraiu 27% de todo o investimento dos EUA. No ano passado, houve 11 aberturas de capital no Vale do Silício (em 2009, havia sido somente uma). Houve 960 operações de fusões e aquisições na região no último ano. / **R.C.**



WHAT WOULD YOU DO IF YOU WEREN'T AN INTERN?

book também foram escolhidos por Zuckerberg numa espécie de hackathon. "Os hackathons fazem parte de nossa cultura desde os primeiros dias", explicou Keyani. "Muitas coisas legais saíram

de uma hackathon, como o botão 'Like'."

Depois de alguns dias, acontece o fórum de protótipos. "Cada um mostra o seu projeto por alguns minutos", disse Pedram. "Para os bons projetos, todo mundo começa a aplaudir, a estalar os dedos e a falar: 'ship it! ship it!' (coloque em uso)." De cada hackathon, três ou quatro projetos se transformam em produtos, depois de duas semanas.

Rodrigo Schmidt foi o primeiro brasileiro contratado pelo Facebook, em 2008. Ele trabalha como engenheiro sênior de software na empresa, em Palo Alto. Foi durante uma hackathon que ele desenvolveu, com outro brasileiro, a integração do Facebook com o Skype. "O 'hack' faz parte da cultura da empresa", explicou Schmidt. "A ideia de rapidamente construir um protótipo, identificar o potencial e trabalhar nele até criar o produto que você quer."

Eu, robô. Androide de telepresença desenvolvido pela Anybots



NÃO CONSEGUE IR? MANDA O ROBÔ NO LUGAR

MOUNTAIN VIEW

Se você precisa participar de uma reunião de trabalho e não consegue ir ao escritório, pode assumir o controle de um robô que já esteja por lá e interagir com as pessoas como se estivesse presente. Essa é a proposta da Anybots, que desenvolveu um robô de telepresença chamado QB e controlado via internet.

Com conexão wi-fi, o robô tem câmeras, caixa de som e microfones, além de uma pequena tela na testa que pode exibir as imagens de uma webcam. Sua altura é ajustável. Pesando 16 quilos, não possui braços, e se locomove sobre duas rodas, com estabilidade comparável ao patinete motorizado Segway. A veloci-

dade chega a 5,5 quilômetros por hora.

Cada robô custa US\$ 15 mil e, depois de encomendado, leva duas semanas para ficar pronto. A Anybots foi fundada em 2001 por Trevor Blackwell, um pioneiro da internet. Na década de 90, ele criou a Viaweb, empresa adquirida pelo Yahoo em 1998, dando origem ao Yahoo Store. Ele também é fundador da Y Combinator, que investe em empresas de tecnologia em estágio inicial. A Anybots compartilha o endereço, no número 320 da Pioneer Way, em Mountain View, com a Y Combinator.

"Começamos em 2001 com uma ideia muita ampla, de que robôs haviam se tornado tecnologicamente possíveis e poderiam ser muito úteis em residências e escritórios", disse Blackwell. O

primeiro protótipo tinha mãos. As tentativas iniciais, que não chegaram ao mercado, eram robôs maiores e mais pesados.

Blackwell imaginou que os robôs seriam importantes durante toda a sua vida. "Fico meio surpreso de que não existam muitos robôs em escritórios", disse o fundador da Anybots. "Está começando agora a acontecer em uma escala maior. Há dois anos, não havia nenhum robô que poderia ser comprado para o escritório. Agora existe o QB e outras empresas têm robôs para escritórios. Vai acontecer muita coisa em dois ou três anos."

Em casa, diz Blackwell, o robô pode ser um guarda que trabalha 24 horas. "As vezes, você precisa

deixar algum e entrar em casa, para consertar a TV a cabo ou o telefone, e o robô pode garantir a segurança. No futuro, o robô poderá fazer cada vez mais coisas em casa."

No Japão, existem robôs sofisticados, que costumam ser muito caros para o uso doméstico. O Asimo, da Honda, não está à venda, e custa US\$ 1 milhão para ser produzido. Na visão do fundador da Anybots, o mercado de robôs será parecido com o de carros. "As pessoas que têm dinheiro vão gastar US\$ 100 mil por um modelo bem legal, mas haverá outros bastante baratos."

Blackwell diz aplicar sua experiência de internet na Anybots: "Robôs e internet não são tão diferentes. Muitas coisas interessantes

são software. Os desafios de projeto exigem software confiável e que faça muitas coisas. Não é tão diferente."

Qual é o maior erro que uma empresa iniciante deve evitar? "Criar algum produto que seja legal, mas não necessário", diz o fundador da Anybots. E o que é importante fazer? "Observar os consumidores. Não é suficiente perguntar o que eles acham do produto. E preciso analisar como usam. Os consumidores não costumam ter habilidade de explicar os problemas que enfrentam, mas esse não é o seu trabalho."

Num episódio da série *The Big Bang Theory*, o físico Sheldon Cooper cria um robô para não ter de sair de casa. Os produtores chegaram a falar com a Anybots, mas acabaram usando o modelo de um concorrente, provavelmente porque não seria muito verossímil mostrar o QB como uma máquina feita em casa e porque um modelo com tela maior aparece melhor na televisão. / **R.C.**